

OS PADRES PALOTINOS E SUAS INSERÇÕES NA REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL: CATOLICISMO, PODER E IMIGRAÇÃO ITALIANA

THE PALLOTINE PRIEST AND THEIR INVOLVEMENT IN THE CENTRAL REGION OF RIO GRANDE DO SUL: CATHOLICISM, POWER AND ITALIAN IMMIGRATION

Algir Facco da Silva¹

Maria Catarina Chitolina Zanini²

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar e analisar alguns elementos presentes na inserção dos padres palotinos na região central do estado do Rio Grande do Sul, Brasil, especialmente entre os imigrantes italianos e seus descendentes. Por meio de pesquisa bibliográfica, documental e entrevistas, buscou-se conhecer o processo de chegada desses religiosos na região, em finais do século XIX, e sua inserção na colônia italiana local e na região. Seu projeto missionário era o de seguir as diretrizes da Cúria Romana, o que fez com que enfrentassem dificuldades devido à rigidez de alguns pressupostos da catolicidade trazida. Entre seus opositores estavam padres diocesanos locais, líderes da comunidade e grupos anticlericais que, na época, também estavam entre os imigrantes italianos, como a maçonaria, por exemplo. No ano de 1896, assumem a paróquia de Santa Maria, maior cidade da região. Eles passam a ter um importante papel na política local, sendo agentes de consolidação do poder da Igreja Católica. Naquele contexto social, os palotinos souberam se inserir no jogo político de forma decisiva e consolidar também seu importante papel no sistema educacional regional

Palavras-chave: Padres Palotinos; Religiosidade; Imigrantes Italianos; Catolicismo; Anticlericalismo.

ABSTRACT

This article aims to present and analyze some elements present in the insertion of the Pallottine priests in the central region of the state of Rio Grande do Sul, Brazil, especially among Italian immigrants and their descendants. Through bibliographical and documentary research, as well as interviews, the study sought to understand the process of the arrival of these religious men in the region at the end of the 19th century, and their insertion into the local Italian colony

1 Possui graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Franciscano (2001). Atualmente é professor de Filosofia e Ensino Religioso Escolar no Colégio Pallotti Antonio Alves Ramos.

2 Graduação em Curso de Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (1987), mestrado em Antropologia pela Universidade de Brasília - UnB (1997), doutorado em Ciência Social (Antropologia Social) pela Universidade de São Paulo - USP (2002) e Pós-doutorado pelo Museu Nacional (MN-UFRJ) (2008). Professora Titular da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

and the broader region. Their missionary project followed the guidelines of the Roman Curia, which led to confrontations due to the rigidity of some assumptions of the Catholicism they brought with them. Among their opponents were local diocesan priests, community leaders, and anticlerical groups, which at the time were also present among the Italian immigrants, such as the Freemasons, for example. In 1896, they took over the parish of Santa Maria, the largest city in the region. They began to play an important role in local politics, acting as agents of the consolidation of the Catholic Church's power. In that social context, the Pallottines knew how to position themselves in the political game in a decisive way, and they also consolidated their significant role in the regional educational system

Keywords: *Pallottine Priests. Religiosity. Italian immigrants. Catholicism. Anticlericalism.*

INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva refletir acerca da inserção e do trabalho desenvolvido pelos religiosos Palotinos que, em um curto período de tempo, ampliaram sua atuação e poder nos núcleos coloniais italianos da região central do Rio Grande do Sul, até chegarem a Santa Maria, em 1896. Santa Maria era o maior município da região central do estado, tendo, com o advento da ferrovia, em 1885, tornado-se um centro econômico e político de relevância. A Pia Sociedade das Missões era uma congregação de padres e irmãos religiosos católicos fundada por São Vicente Pallotti, na Itália. A religião, como uma ordem do mundo (DURKHEIM, 1996), uma visão de mundo e um ethos (GEERTZ), pode ser um espaço muito importante para se compreender as disputas de poder e legitimidade em uma sociedade e em seus contextos históricos. Certamente, ela pode facilitar domínios e o exercício de poder legitimado, bem como exercer violência simbólica (BOURDIEU, 1989) por meio de suas diretrizes e dogmas, favorecendo julgamentos e exclusões sociais. Além disso, em uma perspectiva socializadora, a Igreja estabelece uma relação entre indivíduo e sociedade altamente configurada e configuradora (ELIAS, 1994). Pode-se dizer que, entre visões de mundo e práticas, os Palotinos pretendiam ter uma influência alargadora, potencializando a expansão de sua visão de mundo específica e também de sua compreensão particular de catolicismo.

1 A IMIGRAÇÃO ITALIANA NA REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL

A imigração italiana no Rio Grande do Sul teve seu início no ano de 1875, com a chegada dos primeiros colonos italianos à região da Serra Gaúcha (DE BONI, 1987). Na região central do estado, temos a Colônia Silveira Martins que, em 1877, inicia seu processo colonizador, atraindo famílias italianas para a região. Tratava-se de uma migração familiar, quase em

sua totalidade, composta por camponeses pobres, vindos do Norte da Itália, católicos e que procuravam, por meio do processo migratório, ascender socialmente e se tornar proprietários de terras. Receberam, em média, 25 hectares de terra, a serem pagos posteriormente, ferramentas e algumas sementes (LORENZONI, 1975). Pouco ou nada sabiam acerca da agricultura brasileira, das estações, do clima, do solo. Mas, fizeram questão de ter, junto a si, religiosos.

Tratava-se de uma migração negociada entre os governos, o italiano e o brasileiro (ZANINI, 2006). Ainda no Brasil Império, a expectativa de dinamizar mercados, proteger territórios e “branquear” a população brasileira fez com que os italianos fossem desejáveis e atraídos para a região³. A possibilidade de migrar para o Brasil, sair das condições difíceis nas quais viviam na Itália, fez com que milhares de camponeses italianos deixassem sua terra natal na esperança de construir no Brasil uma vida nova em um pedaço de terra que seria seu (FRANZINA, 2006). O caminho até chegar ao seu lote colonial exigiu dos colonos italianos muita persistência e a crença de que, de fato, se tornariam senhores de terras. Primeiro, a viagem de navio até o Rio de Janeiro, um período de quarentena, novamente em navios até Porto Alegre, quando, em pequenas embarcações, foram conduzidos até Rio Pardo e, para finalizar, uma longa caminhada de alguns dias até chegar ao Barracão de Val de Buía, onde iriam esperar a demarcação dos lotes coloniais (LORENZONI, 1975).

Ao receber seus lotes, os colonos começam a preparar a terra, construir as primeiras edificações, colher os frutos das primeiras colheitas, enfim, iniciam uma nova condição social, em uma terra que será sua (LORENZONI, 1975), na qual se tornarão senhores e proprietários, condição almejada por muitos (VENDRAME, 2007). Logo surgem casas de comércio e a necessidade de um espaço para cultivar sua religiosidade católica trazida da Itália. Nesta perspectiva, sentem a falta de um sacerdote que residisse no núcleo colonial para batizar os filhos, realizar os casamentos, presidir as celebrações da vida católica e ordenar a vida na coletividade (VESCIO, 2001). Na tentativa de conseguir padres para atuar nos núcleos coloniais, dirigem-se à Pia Sociedade das Missões, que aceita o convite e envia padres para acompanhar os imigrantes italianos em Vale Vêneto, localidade que ficava próxima ao núcleo da Colônia Silveira Martins. Havia, entre essas duas

3 Segundo Zanini: “Os italianos que vieram para o Brasil, de um modo geral, possuíam a utopia da América como um mundo no qual abundavam liberdade, alimento, trabalho e terras. Aqui, em verdade, aqueles que conseguiam se tornar pequenos proprietários, seja de terra ou de negócios, viam-se longe da opressão dos patrões e das rígidas regras e impostos sobre as terras existentes na Itália” (ZANINI, 2006, p. 45).

localidades, disputas acerca da vivência de suas religiosidades, sobre a forma de viver e experimentar o catolicismo e, igualmente, acerca dos limites do papel e poder dos padres (ZANINI, 2006, 2013).

Nas memórias de Julio Lorenzoni (1975), observamos a importância que aqueles emigrados atribuíam à religiosidade, narrando o momento que consideraram muito importante, quando conheceram o padre Marcelino Bittencourt, que era vigário de Santa Maria. Foi ele quem, no sopé do morro, rezou a primeira missa. Diz Lorenzoni que “o digno sacerdote foi recebido com expressões de grande alegria” (1975, p.55). Uma igreja foi improvisada, “com lençóis, colchas, galhos de árvores com grandes folhas verdes e folhas silvestres” (idem, ibidem). Segundo o autor, a missa contou com o coro de imigrantes vênets e trouxe uma mensagem na qual o padre “recomendou-nos bondade, resignação e o amor a Deus” (idem, ibidem), para superar os sacrifícios a que seriam sujeitos. O padre também batizou, realizou casamentos e deu a comunhão. Enfim, trouxe a ritualidade à qual estavam acostumados na Itália. Contudo, os imigrantes sentiam que a catolicidade que tinha vigência no Brasil não era muito similar à que viviam na Itália. E logo começariam a chamar religiosos para estarem com eles. E investiriam tempo e recursos para essa finalidade.

As primeiras famílias que chegam à região central terão acordos de colonização entre o Brasil Império e os países europeus para a colonização. E, mesmo com a mudança do Império para a República, os fluxos continuam até as primeiras décadas do século XX. Embora os dados numéricos variem, estima-se que, em média, teriam chegado ao Brasil cerca de 1,2 milhão de pessoas, de 1870 até as primeiras décadas do século XX. Foi uma migração numerosa, não somente para o Rio Grande do Sul. Segundo Angelo Trento (1989, p.18), entre os anos de 1880 e 1924, mais de 3.600.000 imigrantes teriam ingressado no Brasil. Destes, 38% seriam italianos. Para o Rio Grande do Sul, o número de ingressos de imigrantes italianos até o final do século XIX varia de 40.000 a 100.000 indivíduos. Importante ressaltar que era uma migração familiar, em que um homem encabeçava aquele núcleo familiar e as mulheres e crianças eram a ele vinculadas. Os idosos, igualmente. O governo brasileiro desejava atrair agricultores e, mesmo que tivessem outras ocupações na Itália, na busca pela propriedade da terra, assumiriam preferencialmente a condição de agricultores para a aquisição dos lotes⁴.

4 Segundo Boris Fausto (2006, p.241-242), “Depois de 1870, o governo imperial incentivou a vinda de colonos italianos para o Rio Grande do Sul. Pequenos cultivadores procedentes em sua maioria do Tirol, do Veneto e da Lombardia estabeleceram uma série de colônias, das quais a de Caxias foi a mais importante. A atividade econômica dos italianos, além de seguir

2 E CHEGAM OS PADRES PALOTINOS

O processo de vinda e a chegada dos padres Palotinos em Vale Vêneto, apesar de esperado, foi também um momento impactante, uma vez que a Colônia Silveira Martins já estava vivendo momentos tensos entre imigrantes e religiosos (VESCIO, 2001). Embora os moradores de Vale Vêneto, que haviam financiado a vinda dos Palotinos, desejassem que estes exercessem suas atividades prioritariamente ali, eles acabaram por atender outras localidades da Colônia, fato que gerou tensões. Afinal, ter um padre era algo desejado em sua comunidade, pois haviam investido para isso. Depois de sua chegada e de criar vínculos com os imigrantes e suas famílias, mais sacerdotes vieram para trabalhar. Um aspecto muito interessante ao estudar a presença dos Palotinos é que estes foram assumindo muitas atividades, para além dos ofícios religiosos. Eles construíam igrejas e salões comunitários, escolas e seminários, fazendo parte da vida diária das comunidades. Desde cedo, se preocuparam com a educação católica dos imigrantes e seus filhos, com as vocações e a ampliação de sua catolicidade específica no interior das colônias⁵.

Em 1886, chegaram à localidade de Vale Vêneto, na região central do Rio Grande do Sul, os padres Palotinos Jacó Pfandler e Francisco Xavier Schuster, iniciando no pequeno núcleo colonial um projeto missionário que, em pouco tempo, se espalhou e chegou à cidade de Santa Maria (em 1896), onde assumem a direção da paróquia e desempenham um importante papel na política local e nas negociações com as elites. Os Palotinos se inseriram nas mais diversas atividades, tendo participação política e na vida cotidiana da região. Eram religiosos com uma visão de Igreja presente e atuante na sociedade, tendo convívio próximo e até vigilante com suas comunidades de atuação (SILVA, 2020). Como ressalta Wlaumir Doniseti de Sousa, entre os imigrantes italianos, “o padre chegava, por vezes, onde o Estado não havia chegado, garantindo a sua influência ultramontana em detrimento da modernidade” (Sousa, 2002, p. 287). Deveria ser um imigrante dócil, ordeiro e resignado, “tudo suportando com paciência, chegando à purificação dos pecados e à salvação da alma” (idem, p. 288).

alguns caminhos semelhantes à dos alemães, especializou-se no cultivo da uva e na produção de vinho. Entre 1882 e 1889, em um total de 41.616 imigrantes que ingressaram no Rio Grande do Sul, 34.418 eram italianos”.

5 Para Quaini: “A vinda dos missionários Palotinos ao Rio Grande do Sul é devida a duas razões fundamentais: o espírito missionário da Pia Sociedade das Missões/hoje Sociedade do Apostolado Católico, e ao insistente pedido de imigrantes católicos italianos que, ao sentirem muito a falta de sacerdotes de língua italiana, bateram à porta da Congregação da Propagação da Fé e também daquelas Congregações Religiosas europeias, especialmente dos Palotinos (QUAINI, 2016, p. 9)”.

Por outro lado, nas relações entre Igreja e Estado, é importante ressaltar que o Brasil saiu de um governo Imperial para se construir como uma República, desde 1889. Essas mudanças nas relações de poder administrativas e políticas também interferiram nas formas como a Igreja estabelecia suas relações com seus fiéis e com as formas institucionais de governo. Com a Constituição de 1891, ocorre a separação entre Igreja e Estado e uma nova página se inicia nos processos de laicização (ORO, 2011). Assim, observa-se que novas formas de influência passaram a ser buscadas pela Igreja Católica. A formação educacional formal será uma delas.

Os Palotinos fortaleceram os braços da Igreja Católica entre aquelas populações e também a legitimidade de sua atuação e presença constantes na vida cotidiana dos imigrantes (BIASOLI, 2010). O padre, papel de autoridade, sendo considerado o representante autorizado da Igreja nas colônias, exercia, na ritualidade católica, seu doutrinamento. Por meio das missas, da catequese e da presença constante na vida cotidiana dos fiéis, trouxe a perspectiva da Cúria Romana para terras brasileiras. De acordo com Otto (2006, p. 21), não se pode esquecer que a Igreja Católica apresenta um discurso institucionalizado e que, por meio de suas práticas e doutrinas, “difunde verdades que exercem uma forma de poder” (OTTO, 2006, p. 21)⁶.

Esta Igreja, trazida pelos Palotinos, estava, igualmente, nas expectativas dos colonos, pois desejavam, frente a tantas rupturas provocadas pela migração da Europa para o Brasil, ter uma noção de familiaridade religiosa mais ampla e menos abrasileirada. Os Palotinos eram fiéis aos rituais que tinham na Itália, aos dogmas e ao controle, desempenhando um importante papel educador nas comunidades (SILVA, 2020). A inspiração dos sacerdotes advinha do fundador Vicente Pallotti, que havia sido proclamado “Santo de Roma”. Foi um evangelizador atento aos problemas sociais de sua época, com uma inspiração ultramontana⁷ e hierarquizada nos domínios da Igreja e fora dela. Tratava-se de um defensor de uma Igreja romanizada, alinhada com o poder centrado na pessoa do Papa, e este foi o modelo de religiosidade que os padres Palotinos trouxeram para seu tra-

6 Igualmente, observando-se historicamente o importante papel desempenhado pela fé católica entre aquelas populações, Luis Fernando Beneduzi salienta que: “A religião, particularmente a partir da figura do padre, procurará manter o controle sobre os diversos grupos de imigrantes, constituindo-se imagetivamente enquanto única instituição efetiva e desinteressadamente preocupada com o bem-estar da comunidade, sempre na busca de defender cada um de seus membros. O sacerdote procurará trazer para si essa função de eficaz indicador do caminho à comunidade, aquele que deseja, acima de tudo, o seu progresso humano e material, tanto diante dos italianos quanto diante das autoridades brasileiras (BENEDUZI, 2011, p. 141)”.

7 Como ressalta Biasoli, o ultramontanismo desejava verticalizar o poder da Igreja (BIASOLI, 2010, p. 22).

balho missionário e cotidiano no Brasil (PIZZOLATTO, 2003, p. 198; SILVA, 2020). Há que se pensar que este não era um movimento isolado em nível mundial e nem nacional.

Outras regiões do Brasil também se encontravam neste nível de disputas em torno de qual deveria ser o catolicismo e a Igreja Católica dominantes (HOORNAERT et al., 1992; AZZI, 1974, 1975, 1976; VIEIRA, 2016; COELHO, 2016). Havia, igualmente, uma tensão histórica acerca de uma visão de Igreja que se alinhava com as elites também, o que se verá, aos poucos, com os Palotinos na região central do Rio Grande do Sul⁸. Para crescer e se expandir, eles se alinham e entram em negociações com as elites locais, ampliando o poder de seu campo religioso⁹. Neste campo específico, buscando reconhecimento, poder e legitimidade, os Palotinos se tornam agentes de sua própria transformação. Num campo religioso, repleto de poderes e forças, eles se inserem nos embates e criam alianças. Aos poucos, são reconhecidos e respeitados em vários setores regionais.

3 A EXPANSÃO DA MISSÃO PALOTINA NOS NÚCLEOS COLONIAIS

Ao expandir seu trabalho missionário pelos núcleos coloniais, os missionários palotinos encontraram resistência ao seu modelo de Igreja Católica, centrado na hierarquia eclesiástica. Em alguns locais, sua autoridade passou a ser contestada por lideranças comunitárias que viam seus interesses ameaçados com a autoridade que os sacerdotes exerciam na comunidade e pelos demais padres que atuavam na região, que eram de uma linha mais liberal e desenvolviam seu trabalho sem levar em conta as orientações da Cúria Romana. Vitor Biasoli (2010) salienta que as intrigas políticas envolviam discussões acerca dos poderes do Papa. Há que se observar, igualmente, que a Itália do período enfrentava uma crise em seu catolicismo, havendo rupturas, bem como uma perda de fiéis, que questionavam muitos dos pressupostos e das práticas das elites religiosas.

Os palotinos, aos poucos, num trabalho gradual e incisivo, implantaram no Brasil o modelo ultramontano, que centralizava na figura do Papa o poder católico, bem como trazia uma certa perspectiva moral para os religiosos, limitando suas atuações nas comunidades. Na região, pode-se

8 Interessante observar, como nos aponta Comblin (1966, p.581), acerca do tipo de catolicismo específico vivido no Brasil. Um catolicismo que se naturalizou historicamente, o que nos permite compreender muitas das distinções que os imigrantes italianos percebiam entre o seu catolicismo e aquele dos brasileiros em geral.

9 Usamos campo aqui, no sentido a este atribuído por Pierre Bourdieu (1989), que nos aponta a observância deste enquanto um espaço de lutas, disputas e buscas por reconhecimentos e legitimidades. No caso dos Palotinos, tanto fora como dentro da Igreja Católica.

observar que houve acontecimentos muito potentes para se compreender o catolicismo na imigração italiana (BIASOLI, 2010; VESCIO, 2001; SILVA, 2020). Dom Cláudio Ponce de Leão, na época bispo do Rio Grande do Sul, abriu espaços, permitindo que a Pia Sociedade das Missões ampliasse seu projeto missionário. Essa ampliação contou também com momentos conflituosos, como em Novo Treviso, quando o padre Cornélio O'Connor, em seu ofício, discordava dos superiores e criou situações conflituosas entre Igreja e os colonos. Esses eventos atestam as disputas internas na Pia Sociedade das Missões, o que se tornava público nas atuações cotidianas dos religiosos nas comunidades. Contudo, como ressalta Schwinn (1918), os colonos tinham interesse em que seu núcleo colonial tivesse um padre residindo, pois viam nisso a possibilidade de crescimento e destaque em relação aos demais núcleos coloniais.

Quando os palotinos chegaram, Vale Veneto era atendido religiosamente por padre Sório¹⁰, que não foi muito simpático à inserção dos palotinos em núcleos coloniais que eram de seu domínio. Como ressaltado por Vendrame (2007, p. 114), Sório enviou carta ao bispo, reclamando da presença dos palotinos. Ele enfatizava que estes estavam aumentando seus domínios, o que atrapalhava suas atividades e causava problemas nos núcleos coloniais. Temos que lembrar que nem todos os imigrantes, agora já colonos, moradores das colônias, queriam a interferência da Igreja em suas vidas cotidianas, nem uma obediência cega ao Papa ou às autoridades clericais, e nem ao Vaticano. Queriam viver sua religiosidade e ter nela sua ordem de mundo e vivência da fé, mas sem senhores ou opressões, pois era disto que também fugiam na Itália.

Como ressaltado por Biasoli (2010), haveria, no final do século XIX, dois modelos de evangelização presentes e em disputa na Quarta Colônia de Imigração Italiana¹¹. Um deles seria o de padre Sório, que representava uma Igreja liberal, na qual o padre participava de atividades políticas, sociais e movimentos festivos que comemoravam a unificação da Itália. Tratava-se de um religioso com ideias próprias e conflituosas. Já os padres palotinos tinham como objetivo implementar um projeto religioso em sintonia com

10 Padre Antônio Sório chegou Quarta Colônia de Imigração Italiana em 1881, junto com o Padre Vítor Arnoffi. Segundo Vescio (2001, p.249), “Sório mantinha um relacionamento harmonioso com o ideário liberal da Maçonaria e, pelo que se pode apurar, preferia muito mais estar na companhia dos que bailavam, bebiam e criticavam a Igreja Ultramontana, do que entre os piedosos devotos, que nas orações e práticas devocionais se reuniam na igreja. Era favorável à unificação italiana e contrário à reforma ultramontana”.

11 Os municípios que hoje fazem parte da Quarta Colônia são: Agudo, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, Pinhal Grande, Restinga Seca, São João do Polêsine e Silveira Martins.

o catolicismo ultramontano, centrado na figura do padre, na hierarquia da Igreja, sob orientação do Papa e em sintonia com uma certa moralidade exigida institucionalmente, coisa que Sório não contemplava. Na vida prática da colônia, ambas as posturas encontrariam eco, simpatizantes e atritos, fazendo os colonos se sentirem parte de um momento político de sua fé, de suas tensões, contradições e negociações. Há que se observar, igualmente, que as localidades disputavam entre si por distinção e poder, seja na construção das igrejas, na adesão de adeptos e na apresentação de uma catolicidade ímpar. Além disso, queriam ascender socialmente e enfrentar todas as mazelas que um processo migratório transoceânico desenvolve.

A história do padre Sório é repleta de acontecimentos controversos e que ficaram nas memórias locais, favorecendo um sem-número de versões. Ele morreu em 1900, em circunstâncias repletas de mistérios. Após sua morte, o bispo Dom Cláudio Ponce de Leão entregou aos palotinos o controle da paróquia de Silveira Martins, o que fez com que algumas disputas locais por projetos de evangelização e de compreensão acerca da vivência da catolicidade fossem encerradas, ao menos formalmente. O migrante italiano Andrea Pozzobon, amigo do padre Sório, que residia na comunidade de São Marcos, na qual era comerciante e professor, manteve uma mensagem crítica e fez voz de seu desagrado com os acontecimentos. Ele e padre Sório eram ambos integrantes da Sociedade Italiana Degli Abruzzi, que ressaltava o sentimento de italianidade e defendia o processo de unificação da Itália¹². Como ressaltava Vendrame (2007), após a morte de Sório, a comunidade de São Marcos (na qual habitava Pozzobon) ficou sem apoio religioso e, liderada por Pozzobon, negou-se a receber atendimento religioso dos padres palotinos. Isso causou entraves com o bispado, que ameaçou limitar a assistência religiosa, o que fez com que os colonos aceitassem os palotinos, mesmo a contragosto. Este fato revoltou Pozzobon, que argumentava que a Igreja devia ter um caráter mais liberal, diferente daqueles religiosos que começaram a atuar na localidade de São Marcos. Numa Itália que ainda estava em processo de unificação, os palotinos entendiam que as manifestações de apoio à pátria italiana eram um desrespeito à Cúria Romana, pois esta subtraiu territórios que pertenciam à Igreja Católica na Itália. Enfim, as disputas que se davam na Itália reverberavam na colônia Silveira Martins.

12 Nas memórias escritas por Andrea Pozzobon e publicadas por seus descendentes (1997), este deixa escrito que “Maio 1900 – O povo de Arroio Grande, São Marcos e Rosário, descontentes com administração dos Palotinos, tendo mandado protestar junto ao Núncio Apostólico no Rio de Janeiro, e não havendo obtido satisfação, envia ao bispo de Porto Alegre, Dom Claudio Ponce de Leão, uma comissão constituída dos senhores Francisco Sartori e Aníbal Mattiuzi, a fim de ponderar em favor da população” (POZZOBON, 1997, p.179).

Os palotinos encontraram em Silveira Martins, sede da Quarta Colônia, um ambiente hostil e com disputas de lideranças locais. A presença de posições políticas diversificadas e da maçonaria tornaram a atuação religiosa ali um desafio. Algo diferente daquilo que estavam acostumados em Vale Veneto. Para De Boni, “... podiam surgir alguns problemas, pois havia carbonários, socialistas mazzinianos, agnósticos, maçons luso-brasileiros etc... mas nas colônias era diferente: lá o catolicismo rural do clero europeu entendia-se perfeitamente com a mentalidade rural dos colonos” (DE BONI, IN DACANAL, 1996, p. 242). Isso nos atesta que, naquele período, havia diferentes formas de compreensão acerca da catolicidade e também dos limites de atuação da Igreja.

Em Silveira Martins, houve a criação do monumento a Garibaldi, herói da unificação italiana e contrário à autoridade do Papa, que foi um marco e também um símbolo de como alguns imigrantes reagiam frente ao modelo de Igreja imposto pelos padres da Pia Sociedade das Missões. Como salienta Vêscio (2001), o busto em frente à igreja é sinal de força dos garibaldinos, italianos que se sentiam vinculados à sua terra natal, contudo os religiosos palotinos viam nesse episódio uma manifestação de forças daqueles que se posicionavam contra a Igreja Católica (VÊSCIO, 2001). Ou seja, havia muitas diferenças políticas e religiosas a serem negociadas. A política italiana e a vivência religiosa se mesclavam na colônia.

4 O TRABALHO EDUCACIONAL DOS PALOTINOS

Com atividades voltadas às famílias, especialmente para os jovens e crianças, os Palotinos, alastrando sua inserção na Quarta Colônia, procuravam criar atividades para a educação católica naquele contexto. Entre essas atividades, pode-se citar as visitas que faziam às famílias, missas, os retiros, os internatos, a revista *Rainha*, entre outras atividades que adentravam a vida das famílias. Essas foram ferramentas para que a doutrina católica fosse mais cotidianamente incorporada, sempre seguindo as orientações da Cúria Romana. Nisso, havia também a busca pela hegemonia da moralidade católica compreendida por aqueles Palotinos.

Em 1922, foi inaugurado o seminário *Rainha dos Apóstolos*, que desempenhou um importante papel educativo e despertador de vocações para a vida religiosa na região. Este passou a ser um espaço privilegiado para as famílias dos colonos instruírem seus filhos, numa educação privilegiada. Para o seminário de Vale Vêneto vinham jovens de todo o Rio Grande do Sul. Alguns ali formados se tornaram, posteriormente, nomes importantes para a Pia Sociedade das Missões pelo país, ampliando a atuação dos Palotinos. Esta localidade foi também o berço de muitas “vocações”, sendo, por muito

tempo, um núcleo formador de uma elite letrada e também de líderes religiosos.

Há que se considerar que, com pouca terra e muitos filhos, a vocação religiosa entre as numerosas proles era uma possibilidade de ascensão e de sobrevivência. Além disso, muitas famílias queriam ter seus próprios religiosos, o que atribuía distinção àquele núcleo familiar. No seminário, recebiam instrução, letramento e desenvolviam habilidades que, posteriormente, levavam para seus núcleos de origem. Foi, com certeza, uma instituição que muito contribuiu para o desenvolvimento da região e para o despertar de muitas carreiras acadêmicas e científicas. Formou líderes, pensadores, professores, uma elite que se alastrou pelo estado todo.

Quando o padre italiano Caetano Pagliucia assume a paróquia de Santa Maria, em 1900, constrói o colégio São Luís, que foi inaugurado em 1904. Para o serviço educacional na região, são chamados também a ordem dos maristas, as irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã, que, em 1905, abriram o colégio Sant'Anna com internato e externato (RIGO, 2010, p. 191). Este trabalho e a vinda, posteriormente, de outras congregações, fez Santa Maria e região serem um polo de vocações e também de excelência educacional, por meio de escolas, colégios e faculdades. Aliás, o Padre Caetano Pagliucia foi um incentivador de muitas atividades na região. Em 1929, cria o patronato agrícola Antônio Alves Ramos, que se tornou uma instituição dedicada à formação e acolhimento de crianças carentes da sociedade santa-mariense. Possuía como lema “servir, amar, educar para a formação integral”. Segundo Quaini (2016), os estudantes eram carentes ou órfãos, sendo atendidos em um regime de internato, com aulas de formação moral, religiosa e educacional. Tal trabalho permitiu que a relevância social e política dos Palotinos se expandisse em nível local e regional.

Do ponto de vista das normativas, o trabalho educacional executado pelos Palotinos tinha como fundamento os ensinamentos e dogmas da Cúria Romana e também o carisma de Pallotti¹³, que visualizava no bem uma forma de educação católica. E tal postura era introduzida nos processos pedagógicos das escolas. Neste processo educativo e evangelizador, outro importante instrumento foi a revista *Rainha dos Apóstolos*, que levava a mensagem católica para outros lugares. Esta foi fundada no ano de 1923, pelo Padre Rafael Iop, no seminário de Vale Vêneto. Ela tinha como objetivo divulgar a vida e obra de São Vicente Pallotti e o trabalho missionário por eles realizado. Para Quaini, “desde o segundo número da Revista Rainha dos

13 Por carisma, compreende-se, conforme a doutrina da Igreja, um dom do Espírito Santo recebido para que a missão da Igreja se cumpra. O Espírito Santo é uma força criadora e ordenadora na cosmologia cristã.

Apóstolos até abril de 1925, Pe. Rafael Iop foi publicando capítulos da vida e obra do Venerável Vicente Pallotti” (QUAINI, p. 52). Em 1924, a revista se torna mensal e adentra os lares das famílias, levando mensagem católica e palotina, na perspectiva de que, seguindo as hierarquias da Cúria Romana, a mensagem católica seria melhor absorvida. Foi um importante veículo de comunicação e levou o letramento como pátria para as colônias.

Neste sentido, há que se observar que, em 1877, quando as famílias migrantes chegam na Colônia Silveira Martins, alguns de seus membros eram letrados, pois na Itália já estava em prática o letramento público. Contudo, nas colônias, nos primeiros tempos, terão somente as escolas por eles mesmos criadas e com professores também migrantes, como foi Andrea Pozzobon. Assim, na segunda geração, talvez o letramento tenha sido menor do que entre os pais, que vieram da Itália. Além disso, os pais tinham que pagar a educação dos filhos, o que nem sempre era possível, tendo que quitar a dívida dos lotes de terras e manter o sustento das famílias. O trabalho dos Palotinos, neste sentido, em muito contribuiu para a educação na região.

5 OS PALOTINOS E SUA MISSÃO CRESCEM E FLORESCEM

Foi em 1896 que os Palotinos receberam do Bispo Dom Cláudio José Ponce de Leão um convite para assumir a paróquia de Santa Maria. Naquele período, a cidade estava em crescimento e era um importante polo aglutinador da região. Teve-se, em 1885, a chegada da linha férrea, a instalação do telégrafo, a construção do Teatro Treze de Maio, da nova igreja matriz e do Hospital de Caridade. Neste processo de crescimento urbano, estavam junto os religiosos católicos. De acordo com Beltrão (2018, p.213), em 1910, Santa Maria já tinha uma população estimada em 15 mil pessoas, com construções, prédios e uma urbanidade crescente.

Naquele momento, a paróquia de Santa Maria estava num período tenso e de descrédito, oriundo de conflitos locais (KARSBURG, 2007). Como ressalta Biasoli (2010), a Igreja passava por um momento complexo, havendo pouca estrutura física, poucos fiéis, as brigas com a Maçonaria, que era forte na cidade e tinha entre seus membros muitas lideranças locais e membros da elite. Para se ter uma noção dos conflitos, o Padre José Marcelino Bittencourt, responsável pela freguesia de Santa Maria, foi atacado por homens a cavalo em pleno centro da cidade, na Praça Saldanha Marinho. Um padre que lhe acompanhava teria sido gravemente ferido em um dos olhos (BIASOLI, 2010, p. 126). Ou seja, havia tensões entre os religiosos e a população, e essas se manifestavam publicamente.

Depois deste acontecimento, o Bispo Dom Cláudio Ponce de Leão tornou Padre Catalano o pároco da cidade. Contudo, ele não foi bem avaliado pelos párocos locais, sendo considerado pouco eficiente, não celebrando missas e não organizando a prática dos sacramentos (BIASOLI, 2010). Em 1895, Dom Cláudio repreende publicamente Padre Catalano, o que faz com que fiéis simpatizantes a ele ameaçassem o Bispo. Foi assim que veio para a cidade o Padre Carlos Becher, que, igualmente, em pouco tempo, foi convidado a se retirar (BIASOLI, p.132). Foi assim, nesse quadro de ataques e tensões, que o Bispo interditou a paróquia e a entregou aos Palotinos, que nomearam o Padre Pedro Wimmer como pároco (BONFADA, 1991). Relata Bonfada (1991) que, ao assumir a paróquia de Santa Maria, em 1896, Padre Pedro Wimmer foi ameaçado, sendo que a Maçonaria solicitou que ele tirasse a batina. Disse ele: “Cada soldado tem seu uniforme. Eu sou soldado de Cristo e meu uniforme é a batina; esta ninguém me faz tirar” (BONFADA, 1991, p.106). Entretanto, sua defesa e resistência fizeram com que ele ficasse até 1900 na cidade. Ressalta Probst (1989, p. 54), que “o vigário não cedeu nenhum passo. Ele sabia que não se tratava propriamente de sua pessoa, e sim dos princípios da fé cristã”. Estes atritos apontam para a tensão no espaço religioso naquele momento na cidade e que as formas de negociação nem sempre eram as esperadas.

Vários registros eclesiásticos daquele período salientam os atritos com a Maçonaria local. Eventos tensos foram atribuídos a maçons, como a agressão ao Padre Marcelino Bittencourt, a expulsão do Padre Becher e as ameaças feitas ao Bispo e ao Padre Pedro Wimmer (BONFADA, 1991), salientando o quanto havia um clima tenso de disputa política e também religiosa, que ia além das questões valorativas e dogmáticas. Contudo, para Karsburg (2007), a Maçonaria não seria tão coesa nem teria tantos poderes como aqueles que aparecem nos escritos eclesiásticos. Talvez as forças em tensão fossem de outra natureza que não somente a religiosa no sentido literal. Como aponta Biasoli (2010), Padre Caetano, ao trabalhar na educação e instruir os filhos das elites, tornava-os católicos em suas visões de mundo (BIASOLI, 2010) e via neles aliados. Assim, várias congregações começam seus trabalhos na área da educação na cidade, ampliando o poder da Igreja Católica e sua influência na região. As elites regionais também enviavam seus filhos para estudar em Santa Maria e região¹⁴.

14 Segundo Biasoli: “A Igreja atuava em várias frentes, e no final da década de 1910, estava consolidada em Santa Maria. A construção da matriz possibilitara a base para o estabelecimento do bispado, as escolas católicas ofereciam a resposta à disseminação dos valores liberais, forjando uma juventude e futura elite afinada com os valores da romanização, assim como a atuação no hospital e nas obras beneficentes colocava a Igreja no campo social (BIASOLI, 2010, p. 182)”.

O trabalho persistente de várias congregações e especialmente dos Palotinos fez com que sua influência crescesse muito e estivesse em sintonia com o catolicismo ultramontano e com a Cúria Romana. Ao serem apoiados pelos Bispos, os Palotinos ampliaram suas atividades na área educativa e sua extensão de influência. Isto porque alguns dos Bispos daquele período entendiam que os Palotinos renovariam a Igreja Católica no Rio Grande do Sul, trabalhando na evangelização e na educação nas famílias para a vivência de um catolicismo mais ordenado e hierarquizado. Isso também se observa nos vários instrumentos pedagógicos e de comunicação utilizados pelos Palotinos, levando uma moral cristã para seus fiéis, com uma ordem moral socializadora e que, acreditava-se, estava em sintonia com as normas do Vaticano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi no processo migratório de italianos para a região central do estado do Rio Grande do Sul que os Palotinos encontraram um momento particularmente positivo para sua inserção entre aquelas populações. Foi assim que a Pia Sociedade das Missões começou a atuar, evangelizando famílias, por meio de atividades diversas nas colônias, sendo também um instrumento moralizante. Da região colonial, rumam para Santa Maria, maior cidade da região e, ali chegando, em 1896, se tornam importantes instrumentos de evangelização e educação. Criam escolas, adentram nas negociações com as elites, enfrentam a Maçonaria e se colocam como alinhados às regras do Vaticano e do Papa.

Há, desta forma, uma aliança entre grupos que, com interesses próprios, sobrevivem nos objetivos comuns a todos: a educação dos jovens e a catolização das gerações vindouras, numa expectativa mais moralizante e também mais ilustrada. Apesar dos atritos, havia pontos comuns que foram potencializados, vislumbrando conhecimento e educação de qualidade. A moralização, o enfrentamento às ideias liberais, à Maçonaria, entre outras questões, favoreceram a entrada e permanência dos Palotinos no cenário político, educacional e cultural da região. Eles se tornaram uma força política a ser ouvida nas decisões locais também. Isto pode ser observado já nas primeiras décadas do século XX (SILVA, 2020).

Desta forma, este artigo procurou salientar o quanto os Palotinos souberam fazer valer suas articulações políticas para ampliar sua missão na região central do estado. Entraram na região e na cidade de Santa Maria num momento tenso entre a Igreja Católica e seus fiéis e foram estratégicos, especialmente o padre Caetano Pagliuca, que soube fazer redes e estabelecer relações de longo prazo. Os Palotinos e outros religiosos, ao se tornarem

influentes no campo educacional local, por meio da propagação dos valores ultramontanos e da Cúria Romana, tornaram-se protagonistas de uma catolicidade desenvolvimentista na região. Abriram escolas, participaram da vida cotidiana das famílias, educaram seus filhos, criaram estratégias de comunicação e de formação de religiosos e foram, num diálogo constante com os poderes constituídos, alargando sua influência e seu prestígio.

Em suma, conhecer e trazer os elementos acima expostos, tanto da imigração italiana para o Rio Grande do Sul quanto para a inserção dos Palotinos, mostra-nos o quanto os processos migratórios são complexos e dinâmicos. Estudar suas religiosidades é um importante avanço para se ter uma dimensão maior acerca da vida cotidiana dos imigrantes, das presenças das elites locais, das disputas políticas, seja no interior da Igreja ou fora dela, bem como para uma maior compreensão da história da Igreja Católica no Brasil. Nesse sentido, há muito ainda a ser estudado, especialmente se observarmos estudos mais localizados e que nos apresentam situações como as expostas no presente artigo. Assim, procuramos ter contribuído para uma ampliação na compreensão desses temas, seus agentes, tensões, contradições e também coesões.

REFERÊNCIAS

- AZZI, Riolando. Elementos para a História do Catolicismo Popular. *Revista Eclesiástica Brasileira*, [S. l.], v. 36, n. 141, p. 95–130, 1976. DOI: <10.29386/reb.v36i141.4077>. Disponível em: <<https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/4077>>. Acesso em: 16 set. 2024.
- AZZI, Riolando. O movimento de Reforma Católica durante o século XIX. *Revista Eclesiástica Brasileira*, [S. l.], v. 34, n. 135, p. 646–662, 1974. DOI: 10.29386/reb.v34i135.4181. Disponível em: <<https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/4181>>. Acesso em: 16 set. 2024.
- AZZI, Riolando. Os Capuchinhos e o Movimento Brasileiro de Reforma Católica do Século XIX. *Revista Eclesiástica Brasileira*, [S. l.], v. 35, n. 137, p. 123–139, 1975. DOI: 10.29386/reb.v35i137.4143. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/4143>. Acesso em: 16 set. 2024.
- AZZI, Riolando. Religiosidade Popular. *Revista Eclesiástica Brasileira*, [S. l.], v. 38, n. 152, p. 642–650, 1978. DOI: 10.29386/reb.v38i152.3896. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/3896>. Acesso em: 16 set. 2024.

- AZZI, Riolando. Família e valores na sociedade brasileira numa perspectiva histórica (1870-1950). *Síntese: Revista de Filosofia*, [S. l.], v. 14, n. 41, 1987. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/1908>. Acesso em: 16 set. 2024.
- BELTRÃO, Romeu. *Santa Maria: o passado pitoresco, em prosa fluída*. Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2018.
- BENEDUZI, Luis Fernando. *Imigração Italiana e Catolicismo: entrecruzando olhares, discutindo mitos*. Porto Alegre: EDPUCRS, 2008.
- BIASOLI, Victor. *O catolicismo ultramontano e a conquista de Santa Maria*. Santa Maria: UFSM, 2010.
- BONFADA, Genésio. *Os Palotinos no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Pallotti, 1991.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- COELHO, Tatiana Costa. *Os discursos romanizadores no Brasil durante o século XIX: Os bispados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.
- COMBLIN, J. Situação Histórica do Catolicismo no Brasil. *Revista Eclesiástica Brasileira*, [S. l.], v. 26, n. 3, p. 574-601, 1966. DOI: 10.29386/reb.v26i3.5005. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/5005>. Acesso em: 16 set. 2024.
- DACANAL, José Hildebrando. RS: *Imigração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.
- DE BONI, Luis. (org.). *Presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST, 1987.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- FRANZINA, Emilio. *A grande emigração: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil*. Campinas, São Paulo: Unicamp, 2006.
- FAUSTO, Bóris. *História do Brasil*. 12 ed. São Paulo: EDUSP, 2006.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIRON, Loraine. *História da imigração italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, RS: Ed. EST, 2007.
- HOORNAERT, Eduardo (Org.). *História da Igreja no Brasil: Ensaio de interpretação a partir de um povo –segunda época*. Tomo II/2. Petrópolis: Vozes, 1992.

- KARSBURG, Alexandre de O. *As ruínas da velha matriz: religião e política em tempos de ferrovia*. Santa Maria: UFSM, 2007.
- LORENZONI, Júlio. *Memórias de um imigrante italiano*. Trad. Armida Lorenzoni Pereira. Porto Alegre: Sulina, 1975.
- QUAINI, João Baptista. *Origem histórica da província Nossa Senhora Conquistadora: Primeira Parte*. Santa Maria: Biblos, 2016.
- ORO, Ari Pedro. A laicidade no Brasil e no Ocidente. Algumas considerações. *Civitas: revista de Ciências Sociais*, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 221–237, 2011. DOI: 10.15448/1984-7289.2011.2.9646. Disponível em: <https://revistas-eletronicas.pucrs.br/civitas/article/view/9646>. Acesso em: 22 set. 2024.
- OTTO, Clarícia. *Catolicidades e italianidades: tramas e poder em Santa Catarina (1875 -1930)*. Florianópolis: Insular, 2006.
- PIZZOLATTO, Valentim. *A Igreja: na perspectiva do século XIX e no profetismo de Vicente Pallotti*. Porto Alegre: Pallotti, 2003.
- PROBST, Carlos. 1989. *História da província da Pia Sociedade das Missões (PSM – Palotinos)*. Londrina: 1989. Texto datilografado, 181 p.
- RIGHI, José; BISOGNIN, Edir; TORRI, Valmor. *Os povoadores da Quarta Colônia*. Porto Alegre: EST, 2001.
- RIGO, Pe. Enio José. *A Diocese de Santa Maria RS (1910-2010): eu te agradeço, pelo teu imenso amor*. Santa Maria: Pallotti, 2010.
- SANTIROCHI, Ítalo Domingos. O paradigma tridentino e a Igreja Católica no Brasil oitocentista: modernidade e secularização. *Reflexão*, [S. l.], v. 42, n. 2, p. 161–181, 2018. DOI: 10.24220/2447-6803v42n2a3999. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reflexao/article/view/3999>. Acesso em: 16 set. 2024.
- SILVA, Algir Facco da. *A inserção dos Palotinos na Quarta Colônia de Imigração Italiana*. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais das UFSM. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2020.
- SOUSA, Wlaumir Doniseti de. *Imigração italiana e Igreja: Ultramontanismo e neo-ultramontanismo*. IN: DREHER, Martin (org). 500 anos de Brasil e a Igreja na América Meridional. EST Edições: Porto Alegre, 2002. pp.276-293
- TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico - um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel: Instituto Italiano di Cultura di San Paolo: Instituto Cultural ítalo-brasileiro, 1988
- VENDRAME, Maira Ines. “*Lá éramos servos, aqui somos senhores*”: A organiza-

ção dos imigrantes italianos na organização da ex-colônia de Silveira Martins. Santa Maria: UFSM, 2007.

VÉSCIO, Luis. *O crime do Padre Sório: maçonaria e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1893-1928)*. Santa Maria: UFSM, 2001.

VIEIRA, Dilermando Ramos. *História do catolicismo no Brasil*. Aparecida, São Paulo: Editora Santuário, 2016. 2v.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Fé escrita: elementos literários da imigração italiana no Sul do Brasil. *Tessituras*, v. 1, p. 21-44, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/tessituras/issue/view/251>>. Acesso em: 22 set 2024.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. *Italianidade no Brasil meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria, RS*. Santa Maria: UFSM, 2006.

ZARO, Pe. Jadir. *A província Nossa Senhora Conquistadora: nossa História, nossa Trajetória*. Santa Maria: Pallotti, 2016.

Recebido em: 01/07/2024

Aceito em: 01/11/2024